

OS ESCRAVOS BRANCOS

Excerto do segundo capítulo do livro “*The Shaping of Black America*” (Modelando a América Negra), de Lerone Bennett, Jr.:

Embora muito cuidado tenha sido tomado para esconder esse fato, os negros escravos herdaram seus grilhões de brancos, que foram, pode ser dito, os primeiros escravos americanos. E como a América se endereçava, na metade do século dezessete, em direção à rumo decisivo que haveria de definir seu destino para sempre, cada vez mais atenção passou a ser dada à situação desses servos brancos, que foram pioneiros tanto na servidão como na escravatura. Para uma compreensão do que aconteceu com os negros na segunda metade do século dezessete, faz-se necessário entender o que ocorreu com os brancos na primeira e segunda metade desse século. Eis que eles percorreram o primeiro estirão da maratona da servidão americana, antes de passar o bastão para os vermelhos e os negros.

A história dessa passagem, a história de como os servos brancos passaram a tocha do trabalho forçado para os negros e como os brancos criaram um sistema de servidão branca que se prolongou na América por mais de duzentos anos, nunca foi antes narrada em toda a sua dimensão⁷². Por razões óbvias, os tradicionais embalsamadores da experiência americana parecem considerar a servidão branca como tremendamente embaraçosa. De qualquer forma, eles geralmente a ignoram, fixando-se, em vez, na servidão dos negros. Mas essa manobra – e é precisamente isto – distorce tanto a servidão dos negros quanto à vivência americana, posto que a servidão dos brancos e dos índios é a

⁷² - Nota do autor: Houve uma tentativa óbvia de minimizar a importância da servidão de brancos. Poucos livros genéricos foram escritos sobre esse tema, e na sua maioria se encontram fora de catálogo ou escondidos em algum canto. Há livros e textos escolares que conseguem cobrir por inteiro do período colonial, sem mencionar a servidão branca. Outros dedicam uma linha ou duas ao tema. Veja “*White Servitude in the Colony of Virginia*” (Servidão branca na colônia da Virgínia), de James C. Ballagh; *White Servitude in Maryland* (Servidão branca em Maryland), de E. I. McCormac; *White Servitude in Pennsylvania* (Servidão branca em Pensilvânia), de C. A. Herick; *Capitalism and Slavery* (Capitalismo e escravidão), de Eric Williams; *Colonists in Bondage* (Colonos em cativo).

perna perdida no triângulo da servidão americana, o triângulo que define o início da experiência americana como um experimento em compulsão. Tanto a servidão branca quanto a vermelha foram parte integrante do experimento, mas a servidão dos brancos foi particularmente importante por duas razões. Em primeiro lugar, a escravidão de brancos durou por mais de duzentos anos e abrangeu a maioria dos primeiros imigrantes brancos das colônias americanas. Foi estimado que pelo menos dois de cada três imigrantes para as colônias ao sul de Nova York trabalharam por um período ajustado de anos nos campos ou cozinhas como semi-escravos.

A segunda e possivelmente mais importante razão para a centralização da servidão dos brancos é que, como assinalou Eric Williams, era “a base histórica sobre a qual a escravidão dos negros foi assentada”. Em outras palavras, a servidão dos brancos foi a base onde se assentaram os mecanismos de controle e subordinação usados mais tarde na escravidão afro-americana. O sistema de passes nas plantações, o tráfico de escravos, a exploração sexual da serva, o pelourinho, os grilhões e os ferros em brasa, o feitor, o criado doméstico, o Tio Tomás – todos esses mecanismos foram testados e aperfeiçoados antes com brancos, homens e mulheres. Antes foi experimentada, da mesma forma, com esses, a teoria do racismo. Não é o último dos paradoxos desse período que os senhores coloniais usaram o tradicional Sambo⁷³ e estereótipos de músicos ambulantes para caracterizar os servos brancos, que diziam ser afáveis e de confiança, mas biologicamente inferiores e sujeitos à preguiça, à imoralidade e ao crime. U. B. Phillips, que errou em tantas coisas quanto ao regime escravista, estava certo a respeito disso. “Em número expressivo”, ele escreveu, “os africanos foram retardatários inseridos dentro de um sistema já em funcionamento”. Incontestavelmente, e em vista desse fato, está claro que nada de substancial pode ser dito sobre os mecanismos da escravidão dos negros, senão que postos contra o fundo histórico existente, e dentro da perspectiva da servidão dos brancos na América.

⁷³ - O nome Sambo, utilizado em países da América do Sul, está sempre associada com a idéia racista de que os afro-americanos são preguiçosos, irresponsáveis e propensos a um temperamento infantil.

No caso da servidão dos brancos, a causa controladora não foi biológica, mas demanda econômica refletida através do prisma singular de grupos de potências européias com pouca ou nenhuma simpatia para com os pobres e desprivilegiados. A abertura do Novo Mundo deu uma viravolta às percepções peculiares desses grupos e trouxe à superfície a antiga fascinação européia (Atenas), e duradoura (Terceiro Reich), com o trabalho escravo. E foi esse fascínio, aguçado até um limite extremo pela possibilidade de lucros colossais, que condenou milhões de negros, vermelhos e brancos ao horror de uma extensa servidão. O ponto muito importante aqui é que ambas as servidões, de negros e brancos, se desenvolveram e refletiram as tensões internas da Europa. Essas tensões fizeram revolver certas idéias a respeito da própria subordinação do povo branco, e um novo ambiente social de egoísmo competitivo surgido a partir da Renascença e da Revolução Comercial, daí emergindo finalmente um novo espírito de aventura e desumanidade que incluía um certo desprezo por todos os seres humanos e uma voluntariedade em usar todo e qualquer expediente na busca de ouro, glória e conquistas em nome de Deus.

Essas atitudes mentais refletiram, alternativamente, certa contradição material na Europa, que era um lugar confuso e atribulado na véspera da opressão colonial. A situação estava turbulenta ao extremo na Inglaterra, onde as classes altas mantinham-se num sangrento esquema de expulsar os camponeses de suas terras. Uma conseqüência desse processo eram as listas de auxílio federal abarrotadas de postulantes, e as estradas congestionadas de pedintes, vagabundos e ladrões – isso à véspera da implantação das plantações na Virgínia e em Massachusetts.

Este o cenário de pesadelo social, quando a Inglaterra ingressou na sua carreira de colonialista. A razão primária para essa partida era a idéia de que a Inglaterra necessitava de um ponto de descarregamento maciço para seus indesejáveis. Como diz Francis Bacon num memorando de Estado destinado a James I, em 1606, a colonização deu à Inglaterra “uma dupla conveniência: livrar-se do populacho aqui e em fazer uso dele acolá”. Passados cinco anos, em 1611, Velasco, ministro espanhol junto à Inglaterra, disse a mesma coisa, com outras palavras: “Sua principal razão para colonizar essas partes é dar um mercado

para tanta gente desocupada e indigente como se encontra na Inglaterra, prevenindo assim o perigo que inspiram”.

Qualquer que seja a lógica, uma coisa é clara: “tanta gente desocupada e indigente” tornou-se a primeira forragem do colonialismo. E eles desempenharam esse papel sob um sistema de trabalho forçado profundamente enraizado na experiência européia. Nesse período, é certo, o instituto da escravidão havia virtualmente fenecido na Europa. Mas outras formas de trabalho forçado, inclusive o sistema de aprendizagem, eram comuns. E quando a abertura do Novo Mundo criou a demanda, que a mão-de-obra livre não podia satisfazer, os agentes de operários europeus criaram um sistema de trabalho forçado baseado livremente no velho sistema de aprendizado. Sob o novo método, chamado de *indentured servitude*⁷⁴, uma pessoa vendia-se, ou era vendida por um determinado número de anos (geralmente entre dois e sete anos), a fim de pagar o preço de sua passagem para a América. Os servos a contrato, como os primeiros brancos escravos eram chamados, assinavam um contrato a termo, na Inglaterra ou na América.

Havia outros servos, chamados de *redemptioners*, aos quais era concedida passagem no navio, baseado na promessa de pagá-la ao capitão, após sua chegada no porto americano. Se esse passageiro não conseguisse pagar ao capitão, quer obtendo dinheiro com parentes ou amigos, quer vendendo-se ou vendendo membros de sua família – era enfim negociado pelo comandante da embarcação.

Esse sistema não irrompeu pronto e acabado na cabeça dos colonizadores. Envolveu, peça por peça, ato por ato, o contexto da síndrome colonial. O sistema baseou-se, em princípio, num contrato voluntário que não carregava em si compromisso de servidão. Mas, como James C. Ballagh demonstrou, o sistema se deteriorou e “tendeu a passar para uma relação de propriedade que assegurava um controle de extensão variada sobre o corpo e liberdade dessas pessoas durante o serviço, como se fossem objetos”. Os servos a contrato, em outras palavras, tendiam a se tornar escravos de fato na duração do contrato. Por tudo isso, havia distintas e importantes diferenças entre servidão e escravidão, que era hereditária e perpétua.

⁷⁴ - Contrato de servidão a prazo determinado.

O sistema de servidão branca evoluiu na América, mas evoluiu dentro de um contexto de experiência que veio para este continente com os primeiros emigrantes brancos, a maioria dos quais eram de fato escravos. Algo disso emerge da história da Virgínia, onde, antes de 1619, como Ballagh provou, praticamente cada habitante era “um servo manipulado no interesse da Companhia da Virgínia, mantido no cativeiro além do prazo estipulado”.

Isto era um foco permanente de conflito entre a companhia e os servos, que reclamavam repetidamente estarem sendo tratados como escravos. Os reclamos dos servos brancos não eram de todo descabidos, pois os residentes eram levados para trabalhar em bandos e punidos com muito rigor por infrações leves. Qualquer que não fosse ao culto religioso do domingo poderia ser punido severamente à noite, e permanecer como escravo por uma semana. Cometendo uma terceira transgressão, ficaria como escravo por um ano e um dia.

Estes, os pais fundadores da Virgínia.

Eles viviam em profunda solidão. Quase a mesma coisa acontecia em Massachusetts, onde os puritanos iniciaram sua famosa cruzada em busca da democracia, transformando em servos um número relativamente expressivo de brancos. Era 1628, oito anos antes da primeira evidência de servidão de índios, e dez anos antes dos primeiros indícios de servidão de negros, quando a servidão de brancos se iniciou na Comunidade Puritana. Nesse ano, cento e oitenta servos aportaram em Salem para preparar as casas e a comida dos pioneiros dos livros de história, que chegariam cerca de um ano depois. Quando o célebre navio *Mayflower* aportou, o princípio da servidão de brancos veio junto. Pelo menos dezesseis dos passageiros eram servos a contrato. Havia desenvolvimento paralelo em outras colônias. William Penn fundou a Pensilvânia sobre a pedra da servidão de brancos, princípio idêntico ao que levou à fundação da Carolina do Sul, Maryland e outras colônias originais.

Além dos homens e mulheres presos ao labor, muitos pioneiros brancos foram transformados em escravos poucos anos após o primeiro desembarque. Em 1609 um colono chamado Henry Spelman aparentemente foi vendido aos índios pelo capitão John Smith. Spelman, resgatado um ano depois, contou a história segundo a qual ele teria sido

vendido para uma cidade chamada Powhatan. Essa era uma ocorrência aparentemente comum nos primeiros tempos, posto que se pode ler que, em 1609, o almirante Newport deu a Powhatan um menino chamado Thomas Salvage em troca de um servente índio.

Os brancos não apenas eram vendidos em operações de escambo, eram abertamente sentenciados à escravidão por infrações penais. Assim ocorreu em 1641, em Massachusetts, onde William Andrews foi condenado à escravidão pela Corte Geral por haver assaltado seu amo. No mesmo ano, outros dois brancos, John Haslewood e Giles Player eram sentenciados com pena de escravidão por furto e arrombamento. Em 1642, pelo menos seis brancos foram condenados à escravidão em Massachusetts por vários crimes (alguns foram aparentemente liberados antes de sua morte). Ocorreu também um caso de destaque em Connecticut, onde um branco foi vendido como escravo para Barbados por “reiterado furto, invasão e roubo de dois moinhos e por viver uma vida de renegado e selvagem”.

Embora alguns índios fossem transformados em escravos ou servos nos primeiros anos da colonização inglesa, os colonos demonstravam uma decidida preferência pelos brancos pobres da Europa. Desde o início, crianças brancas pobres que perambulavam pelas ruas ou freqüentavam albergues de Londres eram embarcadas para as colônias. Havia também embarques de trabalhadores e domésticas, alguns de caráter suspeito. Iniciando em 1616, uma data marcante, os senhores coloniais começaram a moldar o tráfico ilegal num sistema organizado. Ironicamente, os passos preliminares nessa estrada foram dados no encontro de abertura do corpo político de um organismo de representação parlamentar na América. Em sua primeira reunião, em Jamestown, julho de 1619, a Casa dos Burgueses de Virgínia deu provimento ao registro e validação dos contratos de servidão, tornando ilegal o casamento de servas sem o consentimento de seus amos, que ficavam autorizados a aplicar a chibata nos casos de infração. Esses atos legalizaram a servidão a contrato na Virgínia e estabeleceram uma classe legal de trabalhadores escravos. Conseqüentemente, democracia representativa e servidão – servidão de brancos – nasceram juntas na América. Para assegurar-se de que a mensagem havia sido entendida por todos, o legislativo transformou-se em uma alta corte e sentenciou um refratário servo branco a ficar, por quatro dias, com suas orelhas pregadas num pelourinho.

Quando os primeiros negros desembarcaram em Jamestown, encontraram o sistema de servidão a contrato firmemente estabelecido, e com a maioria da população vivendo à sombra dos grilhões. Escrevendo da Virgínia, nesse ano, John Pory⁷⁵ disse que “nossa principal riqueza são os servos”. Essa “riqueza”, para usar a expressão corrente, aumentou consideravelmente nos anos que se seguiram. Em 1627, cerca de mil e quinhentas crianças raptadas foram enviadas para a Virgínia. E seus serviços eram tão satisfatórios que as autoridades solicitaram outro carregamento, de “crianças, meninos e meninas, desamparadas”. Em 1636 havia em torno de cinco mil pessoas na Virgínia, e foi estimado que os últimos três mil que chegaram, vieram na condição de servos. Enfim, a estimativa é de que ao longo do período colonial, perto de oitenta mil pessoas foram importadas como servos a contrato.

A história foi muito similar nas demais colônias. Dezenas de milhares de refugiados brancos migraram para Maryland, Pensilvânia e as Carolinas. Num quadriênio, uns vinte e cinco mil servos brancos foram embarcados com destino à Filadélfia, exclusivamente. Por consequência da natureza do tráfico de servos brancos, é muito difícil determinar precisamente quantos servos a contrato foram exportados para as colônias. Parece, todavia – e este é um dado muito conservador –, que pelo menos duzentos e cinquenta mil pessoas eram servos a contrato ao longo do período colonial. Estes dados não incluem o considerável número dos que morreram durante a branca “travessia do meio”.

Quem era essa gente? De onde veio e como?

As respostas para essas questões estão para ser encontradas não no mito da pura determinação dos brancos, mas no breve e singelo anais dos pobres e oprimidos. Os personagens desse drama incluíam vítimas de todo o perfil imaginável. Havia prisioneiros políticos e militares capturados em guerras ou rebeliões. Havia quacres e católicos fugindo da opressão protestante; protestantes alemães e suíços fugindo da opressão católica; e judeus fugindo da opressão católica e protestante. Havia velhacos, prostitutas, órfãos, sentenciados e deserdados – todos juntos, vítimas das mazelas políticas e sociais da

⁷⁵ - NT. **PORY, John**, pioneiro, nascido na Inglaterra em torno a 1570; morreu na Virginia antes de 1635. ...

época. “Pessoas de todas as idades e espécies”, escreveu Abbot Emerson Smith, “eram enganadas, ludibriadas, seduzidas, logradas, ou raptadas violentamente e levadas como servos para as plantações”.

Os servos vieram de toda a Europa cristã – da Alemanha, Holanda, Suíça e Escócia. A maior parte, todavia, veio da Inglaterra e Irlanda.

Vieram, esses cristãos semi-escravos, do mesmo modo que muitos negros vieram espremidos ombro a ombro, pés colados, vivendo e morrendo lado a lado, nos sufocantes porões de navios abarrotados. Nesse respeito, como em outros, houve assinaladas similaridades entre o tráfico de servos brancos e de escravos negros. Não é por nada que o comércio de servos irlandeses era chamado de Tráfico de Escravos Irlandeses. As mesmas técnicas eram usadas para capturar africanos na África, ingleses na Inglaterra e alemães na Alemanha; e os mesmos portos (Bristol e Liverpool) eram utilizados pelos mesmos mercadores e capitães para transportá-los. É um ponto de grande importância aqui que alguns grandes traficantes de escravos africanos adquiriram sua experiência e capital no comércio de servos brancos.

Como no tráfico africano, no europeu, as vítimas eram recrutadas por fraude e violência. A maioria dos grandes comerciantes e capitães de navios confiavam em agentes contratados, que eram conhecidos como “*spirits*”, na Inglaterra, e “*newlanders*” na Alemanha. Esses agentes, que recebiam por cabeça recrutada, percorriam o interior dos países, distribuindo material de propaganda e alardeando as virtudes da vida como servo a contrato na Virgínia, Pensilvânia ou Maryland. Mas quando esses métodos falhavam, outras formas de persuasão eram empregadas, inclusive o rapto e a coerção, comumente com uma explícita ou implícita sanção de autoridades. Daí o nome “espíritos”, definindo-os como os que se apoderavam de homens, mulheres e crianças, para vendê-los a navios que os levará para além mar. Seduzindo crianças com confeitos; desocupados com rum; ingênuos com histórias de um eldorado aguardando-os nas colônias da América – os “espíritos” enganaram dezenas de milhares. Também lançaram mão da força e da violência, raptando crianças e adultos nas ruas de Bristol e outras cidades e aprisionando-os em entrepostos até o dia do embarque. Há a descrição de um desses entrepostos feita por um homem que fora raptado e mantido em cativo. Ele foi carregado para um salão,

disse “onde a metade da gente fumava tabaco: o local onde se encontravam era tão apertado que não sobrava nada além de um canto onde estava uma pequena mesa.” *Me* parece que suas bocas juntas eram como chaminés, sendo, de certa forma, completamente obscurecidas pela fumaça que delas saía, pois havia quase nada visível, senão fumaça e a luminescência dos forninhos de seus cachimbos. Por certo o odor desse ambiente superaria a *assa foetida*⁷⁶... Após lá haver permanecido por um tempo, a nuvem de suas fumaças havia em parte se dissipado, assim que pude discernir mais duas coisas em minha condenação: mas, ai de mim, pobre rebanho, não havia avaliado para onde estava sendo levado; era o bastante para eles conseguirem a liberdade após sete anos de aprendizado, sob a tirania de um amo inflexível... e não medindo... a escravidão a que estarão submetidos por cinco anos, em meio a brutos em terras distantes, sofrendo pouco menos do que os escravos das galeras. Havia pouca conversa dentre eles, senão que pelo encanto do solo daquele continente para o qual estávamos sendo enviados (num cenário montado para fazer-nos engolir suas douradas pílulas de sedução; e na temperatura do ar a fartura de aves e peixes de toda espécie; o trabalho leve a ser executado, que mais pode ser considerado como um passatempo do que qualquer coisa como punição; e para agradar-nos mais ainda, insistiram nos encantos das mulheres lá, todas usadas como iscas para seduzir-nos.

A isca era aparentemente eficaz, pois milhares viravam espíritos distantes. Alguém declarou haver “*espiritado*” quinhentas pessoas por ano, durante doze anos. Outro, William Thiene, em 1617, foi acusado de haver “*espiritado*” oitocentos e quarenta pessoas em apenas um ano. Como se pode imaginar, esse não foi um bom período para as pessoas que gostavam de caminhar sozinhas nas ruas. De fato, tudo ficou tão ruim em Londres, que alguém poderia provocar um grande tumulto se gritasse a palavra “*espírito!*”

Alguns comandantes de navios tornaram rotina visitar o presídio de Clerkenwell e convencer as detentas oferecendo bebidas. Quando as mulheres se encontravam bêbadas o bastante, o capitão, com a conivência do diretor, as levava para o navio com destino à

⁷⁶ - *Asafetida*, também, *asafoetida* - Resina marrom, amarga, fétida, obtida das raízes de várias plantas.

América. Os capitães também arregimentavam prostitutas. Em 17 de novembro de 1692, Narcissus Luttrell⁷⁷ assinalou em seu diário que um navio atracado em Leith, com destino à Virgínia, levava por ordem dos magistrados cinquenta mulheres saídas das casas de correção e trinta outras que “perambulavam pelas ruas após às dez horas da noite”.

Em diferentes períodos ao longo do tráfico de escravos, houve projetos especiais como o controvertido plano de enviar mil jovens irlandesas para a Jamaica, com objetivo de procriação. Não há vestígios do que teria ocorrido com esse projeto, ficou, todavia, a carta de um Henry Cromwell que lança uma instigante luz sobre a época: “No que tange às mulheres jovens, necessitamos contudo usar de força para apanhá-las. A mais, sendo em muito para seu próprio bem, e por certo ser de grande vantagem para o público, não é enfim de duvidar que se possa ter tal número delas, como se venha a considerar adequado”.

Sendo largamente acreditado que a colonização fosse de “tão de grande vantagem para o público”, as cortes eram utilizadas para recrutar servos brancos. Uma pessoa poderia ser sentenciada nesse período ao “transporte” e sete anos no exílio nas colônias por vários tipos de faltas, incluídos o furto leve, a mutilação e o roubo de gado, e atuação sindicalista. Pessoas condenadas por esses e outros crimes eram deportadas para as colônias sendo conhecidos como os passageiros de sete anos de sua majestade. As melhores estimativas sugerem que pelo menos cinquenta mil convictos foram embarcados para as colônias americanas nesse período e a maioria deles se destinava à Virgínia e Maryland, conhecidas, em alguns círculos, como colônias penais. Marcus W. Jernegan, autor de *Laboring and Dependent Class in Colonial America* (Classes operária e vassala na América colonial) comentou: “Nesse contexto, foi sugerido que genealogistas americanos buscando dados perdidos para completar suas árvores familiares encontrarão uma mina rica de material inexplorado nos arquivos [das prisões] de Newgate e Old Bailey, essa contendo cento e dez volumes de manuscritos.

⁷⁷ - **Narcissus Luttrell** (1657–1732) historiador, diarista, biógrafo e deputado inglês.

Foram também condenados a longos períodos de servidão os padres católicos irlandeses, quacres, soldados escoceses e irlandeses capturados em guerra ou revolução. Em 1652, por exemplo, duzentos e setenta escoceses capturados na batalha de Dunbar foram vendidos em Boston. Um ano mais tarde, mil *tories*⁷⁸ foram transportados da Irlanda para serem vendidos como escravos na América. Alguns dos prisioneiros políticos, como o último exemplo demonstra, eram escravos condenados, na linguagem da época “a servir em nossas colônias na América durante toda sua vida natural”.

Havia ainda uma categoria penal, um amplo grupo que era identificável de forma flexível, onde estavam os “trapaceiros e vagabundos”. Essas pessoas eram identificadas no estatuto 39, que alinhavava os golpes que elas poderiam vir a praticar e que configuravam motivo para prisão e expatriação.

Havia, enfim, os casais e filhos de lares pobres ou desfeitos. Não era incomum, nesses dias, esposas ou maridos ofendidos colaborar para o exílio de seu companheiro. Também não era incomum para pais desesperados fazerem acordo com os “*espíritos*” visando livrarem-se de filhos que não podiam ou não queriam criar.

Crianças fugitivas, esposas ou maridos covardes, prisioneiros políticos e de guerra, prostitutas, religiosos, opositores, convictos, seqüestrados, extraviados, trapaceiros, vagabundos, sonhadores – todos eram agrupados, por motivos justos ou fúteis, em portos de embarque e amontoados como peixes nos porões de navios na viagem de oito a doze semanas para a América. Nas melhores circunstâncias, essa viagem era uma experiência horripilante. Nas condições impostas aos servos, era quase insuportável. Havia pouco ou nenhum espaço para movimentarem-se, a comida era pobre e o ar fétido. A situação dos servos brancos foi admiravelmente ilustrada no caso, citado numa petição ao Parlamento, em 1652, de setenta e dois servos que haviam sido “trancado sob o convés durante toda a viagem de aproximadamente seis semanas em meio aos cavalos, que suas almas, em meio

⁷⁸ - N.T. Os Tories irlandeses eram em sua maioria peões e seus líderes nobres irlandeses que haviam sofrido expropriação de suas propriedades. Ao findar o século 17, ocorreram desmembramentos e grupos de apenas peões se formaram. — os *rapparees*. As autoridades usavam métodos brutais de repressão aos *tories* e aos *rapparees*. Eram caçados, presos e enforcados. Quem os denunciava recebia prêmio. Na Inglaterra, todavia, o apelido Tory foi dado pelos Whigs aos seus oponentes.

ao vapor e sob o calor do trópico, desfaleceram”. Isso não era exceção, era a volumosa evidência que deixava o tráfico de servos. Henry Laurens, homem da Carolina do Sul que comprou e vendeu carne branca e negra, disse que “nunca vira um grau de crueldade em dez ou doze anos de experiência no ramo [o tráfico africano de escravos] igual à crueldade praticada sobre esses pobres irlandeses... Ganância impelia os pagãos batizados [capitães] a tomar certo cuidado com seus infelizes escravos que iam para o mercado, mas nenhum outro cuidado tinham como os pobres protestantes irlandeses, senão que entregar o máximo possível vivos, sob os mais baixos preços”. Comumente, como Laurens e outros registraram, mais da metade dos escravos morreu antes dos navios tocarem na América.

Quando o navio aportava, os mortos eram lançados ao mar; limpavam os sobreviventes preparando-os para a venda ainda no convés. Em alguns casos, homens e mulheres eram expostos nus e assim examinados por possíveis compradores.

“Os servos eram exibidos por sua origem”, escreveu Abbot Emerson⁷⁹, “os potenciais compradores os examinavam de alto a baixo, sentiam seus músculos, julgavam seu estado de saúde e de moralidade, conversando com eles para descobrir seu grau de inteligência e docilidade, e, finalmente, satisfeitos os compravam, levando-os para casa”. Ele acrescentou: “A cena aparentava uma feira de animais, e muitos servos, adiante, comparavam-se a cavalos exibidos para a venda”.

Como os escravos que os seguiram, os servos brancos eram separados e vendidos com pouca ou nenhuma consideração aos laços familiares que às vezes os uniam. Maridos e esposas eram separados, e as crianças com menos de cinco anos eram vendidas ou simplesmente entregues de graça, ficando com o amo até completar vinte e um anos de idade.

“Muitos pais”, disse Gottlieb Mittleberger⁸⁰, uma testemunha contemporânea, “necessitam negociar e vender seus filhos como cabeças de gado”.

⁷⁹ - Em *Colonists in Bondage: White Servitude and Convict Labor in America 1607-1776*. Em 1947.

⁸⁰ - **Gottlieb Mittleberger** foi mais afortunado do que a maioria dos imigrantes alemães, pois quando chegou à América, em 1750, conseguiu emprego como professor e músico, na Filadélfia. Permaneceu apenas quatro anos, mas deixou uma vívida imagem da servidão de seus milhares de conterrâneos. (Registro da Faulkner University).

O preço da carne branca, assim como o preço da carne negra, variava de acordo com o tempo e local, a força, idade e habilidade do servo. Mas a média de preço para um branco ou branca saudáveis parecia estar entre quinze e vinte libras, na primeira parte do século dezessete.

O mercado de carne branca era um grande negócio, viam-se anúncios como o seguinte:

*Recém importados da Irlanda e
a serem vendidos ainda a bordo do navio Virtue,
John Seymour, proprietário, agora
no porto de Boston – um lote
de homens, servos saudáveis
especialmente artesãos.*

E ainda:

*Vários seguramente servos, artesãos e
granjeiros, recém vindos de Bristol;
serão vendidos a preço muito razoável pelo capitão Samuel Bromage ou o senhor
Thomas Sharpe*

Ou mais:

*diversas servas domésticas irlandesas
na sua maioria por cinco anos um
homem servente irlandês com qualificação
como barbeiro e cabeleireiro, também
quatro ou cinco provavelmente meninos negros*

Alguns insensíveis e empreendedores comerciantes, chamados “condutores de almas”, trouxeram servos em lotes de cinquenta ou mais e os conduziram pelo interior, vendendo-os por unidade ou duplas para granjeiros.

Seria um erro pressupor que esse era um trabalho ilegal, condenado por pessoas íntegras e de boa vontade. Pelo contrário, os líderes das colônias dele participavam, tanto como compradores quanto vendedores. George Washington importou servos brancos, o mesmo ocorrendo com William Carter e Robert Beverly. Alguns dos mais importantes fazendeiros coloniais e comerciantes, tais como Carter e Beverly da Virgínia, tinham uma mão no tráfico índio, europeu e africano.

Uma vez que a venda era consumada, o servo ficava sujeito à vontade, capricho e interesses de outro ser humano. Na teoria, como já vimos, tinha limitados direitos legais, inclusive o direito de apelar à corte dos proprietários. Na prática, como a quase totalidade dos estudiosos da servidão branca assinalaram, tratava-se de fato de um escravo até que terminasse o seu contrato. “Tornaram-se, aos olhos da lei”, assinala J. B. McMaster⁸¹, “escravos perante a legislação civil ou criminal, postavam-se na mesma classe que o negro e o índio. Trabalhavam pesado, vestiam-se com as sobras de seus proprietários, e podiam ser açoitados tão freqüentemente quanto desejassem seus amos...” Há um testemunho similar por parte de T. J. Wertebaker⁸², que disse, “os servos a contrato... eram praticamente escravos, presos ao trabalho na terra, e forçados a implicitamente obedecer aqueles a quem serviam”. C. A. Herrick⁸³ disse que “não importa se a relação se iniciou de forma amigável, como classe e uma vez subordinados, os servos eram temporariamente escravos”.

As leis definindo os direitos e obrigações dos servos variavam de Estado para Estado, mas havia estruturas similares. Como regra, os servos não podiam sem o consentimento de seus amos casar, comprar uísque ou fazer comércio, votar nem serem eleitos. Eram proibidos de deixar a área da fazenda sem um passe e não podiam erguer a mão contra seu amo. Como o escravo, o servo podia ser comprado, vendido, emprestado, se constituir em aposta no jogo de cartas, entregue como prêmio, confiscado por débito, penhorado como garantia num empréstimo, ou transferido para outrem por testamento. O

⁸¹ - Conhecido como o “Historiador do Povo Americano” John Back McMaster, por sua obra *“The People of United States from the Revolution to the Civil War”*, New York, 1883.

⁸² - Em *The Planters of Colonial Virginia*.

⁸³ - Em *White Servitude in Pennsylvania*.

amo, por outro lado, era obrigado a alimentar e vestir seu servo, dando-lhe certas “liberdades merecidas” (milho, roupas e, em alguns casos, terra), ao fim do contrato. Mas há muita evidência a indicar que os mestres nem sempre cumpriam com suas obrigações. Alguns, de fato, faziam todo o possível para alongar o período da servidão, ludibriando, forçando, ou penalizando os servos com um segundo ou terceiro termo contratual.

Como a maioria dos sistemas sociais, a servidão branca produziu e reproduziu a si mesma. Nas colônias, como na Inglaterra, as cortes *manufaturavam* servos, sentenciando brancos pobres à servidão por relativamente brandas infrações e em aumentando o tempo servil dos rebeldes.

Na medida em que o sistema progredia na América, outras formas e estilos de servidão irromperam. Crianças nascidas fora do casamento e filhos de pobres eram rotineiramente escravizados até chegarem aos vinte e um anos. Era também comum para brancos pobres venderem-se “voluntariamente”, a fim de pagar despesas médicas e outros débitos. Em 1675, um virginiano chamado Lambert Groton “voluntariamente” vendeu-se em servidão perpétua, para poder satisfazer um débito de três mil e duzentas libras.

Seja qual a forma, seja que estilo, a servidão de brancos era um sistema projetado para extrair o máximo possível de força de trabalho dos brancos pobres. Alguns desses eram artesãos e outros eram professores, músicos e garçons. Na maioria, entretanto, eram agricultores, e, maciçamente, homens e mulheres, cumpriam a tradicional jornada dos escravos nas plantações: de sol a sol. É, quem sabe, por interesse parentético que os historiadores brancos se mostrem virtualmente unânimes em negar que as mulheres brancas eram forçadas a trabalhar nos campos. Testemunhos contemporâneos, todavia, nos dizem inquestionavelmente que brancas eram forçadas a trabalhar à terra, e há o registro de um número de processos nos quais brancas apelaram às cortes para que abrandassem seu penar. O registro desse ponto é muito claro, e o mistério reside no por que tantos e competentes historiadores brancos penderam para o extremo de negar o que os documentos indubitavelmente afirmam.

Na lavoura e na residência, servas e servos brancos trabalharam lado a lado com índios e negros servos e escravos. Muitos viveram com negros e índios em cabanas

primitivas que eram obrigados a construir. Ocasionalmente, servos – negros e brancos, homens e mulheres – viviam no mesmo e pequeno casebre, junto com o amo.

Quase todos os servos brancos eram analfabetos, na maioria homens, sendo quase todos despidos de preconceitos raciais. A quase totalidade, todavia, se dividia internamente por barreiras religiosas ou nacionais. E merece ser notado que os proprietários se referiam a características “raciais” de várias “tribos” de brancos. Observadores diziam que os escoceses e os alemães eram os melhores servos, e que os irlandeses eram os piores. Deve-se recordar, todavia, que a evidência vem quase que inteiramente da classe alta branca. Os servos, como os escravos, deixaram poucos registros para contar o seu lado da história.

Como se portava o servo nesse sistema?

Como os amos brancos tratavam seus servos?

Se podemos creditar a testemunhos contemporâneos e registros remanescentes, amos brancos tratavam os servos brancos da mesma forma que o faziam com os servos negros – e escravos negros. Quer dizer: eram duros, exigindo produção no campo; chicoteavam-nos impiedosamente e se apropriavam do que produziam. De modo geral, pode ser dito, baseado em registros da época e textos de estudiosos, que a sina dos servos brancos era comumente pior do que a dos escravos. Numa carta escrita em 1770, William Eddis disse que “os negros sendo propriedade perpétua, a morte desses na juventude e plena capacidade física se constituía numa perda material para o proprietário... Eles se encontram, assim, sob circunstâncias mais confortáveis do que os miseráveis europeus sobre os quais os implacáveis amos exerciam uma inflexível severidade... Falando de modo amplo, eles [os servos] gemem mais do que os cativos no Egito⁸⁴. Esse depoimento é corroborado por outra testemunha contemporânea, Richard Lignon, que disse haver visto em Barbados “tal crueldade praticada contra os servos, de uma forma que jamais um cristão pudesse pensar em infligir a outro”.

Há uma evidência adicional nesse ponto vinda dos servos, que reclamavam repetidamente do tratamento cruel e abusivo que recebiam. Havia, por exemplo, o caso de

⁸⁴ - Referência ao livro Êxodo, na Bíblia.

amo que levou à corte pedindo para que fosse um servo dependurado pelos calcanhares “como se dependuram para abate os animais no matadouro”. Diz que esse amo foi “repreendido” pelo tribunal. Mas houve outros amos que escaparam da repreensão, embora hajam sido denunciados por haver espancado seus servos até a morte. A tudo isso, deve ser acrescentado o fato de a lei da servidão branca, como a da servidão negra, ser cruel e violenta. Era habitual, pelo menos nos primeiros anos da servidão, pregar as orelhas de infratores no pelourinho. A lei também sancionava a amputação de orelhas de servos rebeldes e garantia o direito de serem esses açoitados até o sangue escorrer. As leis relativas aos servos fugitivos – negros ou brancos – eram excessivamente cruéis. Um diploma legal de 1639, vigente em Maryland, dizia que um servo condenado por fuga deveria ter pena capital. Uma lei de 1642/3, da Virgínia, impunha que o servente que fugisse uma segunda vez deveria ser marcado, com ferro em brasa, com a letra R, na face ou no ombro. Por isso, não devemos nos surpreender ao tomar conhecimento de que a serva branca era sistematicamente explorada pelos amos e feitores brancos. “Muitas dessas mulheres”, escreveu Philip A. Bruce⁸⁵, “eram expostas a investidas impróprias, de parte de seus amos, como se estivessem por sua situação, em poder absoluto desses amos, os quais, se inclinados à licenciosidade, não se refreariam em assim agir”. Muitos mostravam-se a isso bem inclinados, como prova a freqüente legislação a respeito.

Desde o início, servos brancos conspiraram e tentaram se revoltar. Mas a maioria das conspirações e revoltas de brancos, como também ocorria com movimentos similares dos negros, eram traídas pelos servos preferidos do amo – no caso, serventes domésticos brancos favoritos. Interessante é que os historiadores usam o mesmo aparato conceitual ao explicar o número de revoltas de negros e de brancos. Abbot Emerson Smith, por exemplo, disse que “uma disposição para rebelião generalizada parece não ter havido dentre os servos no continente, talvez porque as chances de sucesso eram desprezíveis se comparadas com uma ilha relativamente pequena”. Essa assertiva deve ser recebida com cautela, pois a resistência dos brancos ao sistema se iniciou cedo e continuou ao longo do período colonial.

⁸⁵ - Em *Economic History of Virginia in the Seventeenth Century*.

Como os escravos, os servos brancos fugiam repetidamente, escapando das plantações tarde da noite, buscando caminhos através das matas, atravessando córregos e rios, sempre perseguidos por furiosos cães. Em iniciativas geralmente infrutíferas para conter as fugas, os senhores coloniais conseguiram as primeiras leis contra servos e escravos fugitivos e encheram os jornais da época com reveladoras evidências da barbaridade do sistema.

Significativamente, alguns dos anúncios registravam que os servos brancos usavam grilhões e possuíam cicatrizes e mutilações, indicando a crueldade com que eram tratados⁸⁶.

Essa, em linhas gerais, a situação dos servos brancos à medida que a América se encaminhava para uma decisiva bifurcação em seu caminho.

Nessa conjuntura, os servos brancos constituíam-se na base econômica das colônias, e esta era a convicção generalizada, como afirmou o Conselho de Montserrat, em 1680, que “nenhuma dessas colônias jamais teve ou virá a ter qualquer melhoria significativa sem a participação de servos brancos e negros”.

Em 1756 o presidente do conselho da Pensilvânia disse ao governador William Shirley de Massachusetts que “qualquer tipo de negócio, aqui, bem como dentre os comerciantes e mecânicos, os agricultores e fazendeiros, é principalmente exercido e mantido pelo trabalho dos servos a contrato”. Mais ou menos ao mesmo tempo o governador Horácio Sharpe, de Maryland disse que “a riqueza dos plantadores aqui consiste no número que têm de servos (que são comprados por preços elevados), como nos imóveis de um fazendeiro inglês o que conta são as cabeças de gado que possui”.

⁸⁶ - Nota do autor: *Embora ocorressem movimentos periódicos pela emancipação do povo branco, o sistema da servitude na América se estendeu até a terceira década do século dezenove. Mesmo a Revolução Americana, com sua retórica de liberdade e igualdade, falhou em libertar os escravos brancos. Aliás, como fato histórico, alguns americanos bradavam então que conservar os servos era parte de inalienáveis direitos humanos. Em 1778, por exemplo, um comitê revolucionário do condado de Cumberland, na Pensilvânia, adotou a seguinte resolução: “Decidido que todos os aprendizes e servos são propriedade de seus amos e amas, e qualquer meio de privar tais amos... de sua propriedade se constitui em violação de Direitos Humanos”.*

Os servos brancos não eram apenas o sustentáculo da riqueza nos primórdios das colônias; foram também a base de um grande e crescente sistema de servidão. Em torno à última década do século dezessete, a servidão havia se tornado parte da estrutura da América; a célebre síndrome do colono – arrogância, protofascismo, desumanidade e uma tendência para o irreal – se encontrava bem desenvolvida. “O sistema de servidão a contrato em seu efeito social”, disse Philip Bruce, “difere muito pouco, se alguma coisa, da escravidão. Aquela realmente acentuava as divisões sociais em meio aos brancos mais claramente do que a presença da escravidão fez... Ela deu à simples distinções de classes uma condição de reconhecimento nas cortes judiciais das colônias. Somente em fins do século, os escravos negros começaram a ficar numerosos nas plantações, e apesar disso o espírito social do século dezessete, na Virgínia, não difere em muito do dezoito. O sempre crescente aumento de escravos africanos após 1700 simplesmente confirmou as tendências sociais que haviam sido fomentadas antes pela presença de servos brancos a contrato”.

Como podia ser esperado, a situação agradava a alguns amos, e projetos eram postos em andamento, em fins do século dezessete, para criar um sistema permanente de servidão de brancos. Basta a leitura de *Fundamental Constitutions of Carolina*, de John Locke⁸⁷, para compreender-se a profundidade desse sentimento. Esse extraordinário documento, que mereceu pouca atenção, dirigiu-se corajosamente a uma aristocracia hereditária baseada num sistema permanente de trabalho forçado – de negros ou brancos. Esse documento é persuasiva evidência em favor do argumento segundo o qual as colônias americanas não haviam decidido, em 1669, seu nome ou sua orientação. Mas a decisão não podia ser por muito tempo postergada, e a simples adoção de uma drástica medida era claro sinal de que as colônias aproximavam-se do vértice da verdade.

⁸⁷ - **John Locke** (1632-1704), filósofo inglês, que é considerado o representante principal do empirismo naquele país, e ideólogo do liberalismo.